

Redação, Administração e tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINADE
Oficinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-féias - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2415

DIÁRIO DA MANHÃ

A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTO FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 1925

SEMEAR PARA COLHER

Lisboa, cais da Europa para a navegação marítima e para a navegação aérea

Somos entusiastas de todo o progresso humano. Só lamentamos que, por vezes, esse progresso, pela sua má aplicação, longe de contribuir para a felicidade humana seja causa de hecatombes terríveis.

Admiramos um belo edifício que se ergue esplendoroso, dotado de todos os requisitos da civilização, embora deles nos não aproveitemos. Amamos os bons, confortáveis e rápidos transportes, desde os grandes transatlânticos, tão animados de vida interior que nos fazem esquecer o bulício das grandes cidades, aos expressos, servidos de boas molas e leitos macios, que atravessam os continentes em velocidades inconcebíveis.

Preferimos as ruas de pavimentos lisos, onde os veículos deslizam brandamente, ao velho empedrado que faz ainda a vergonha da cidade de Lisboa, perante as cidades estrangeiras.

E como Portugal é ainda um dos países mais atrasados da Europa, por amor ao progresso e não por patriotismo que não possuímos como aqueles que tanto anayalham essa pátria que dizem defender, ardentemente desejamos ver este país colocar-se, num esforço bem orientado e inteligente, a par das nações que, em progressos materiais, marcham na vanguarda.

Existem neste país forças latentes que a estreiteza do meio não deixa desenvolver convenientemente, capazes de, num curto espaço de tempo, colocar-nos numa situação de progresso e de civilização muito mais apreciável do que a actual. As proezas de aviação que nestes últimos anos se têm produzido são de molde a incitar-nos à realização de proezas de menos arrisco e de mais práticos resultados para a colectividade.

Porque não se aproveitam fantas energias admiráveis que se têm dispersado em belas aventuras de grande efeito moral, empregando-as em empresas que melhores proveitos materiais tragam à colectividade?

Proclama-se ás aos quatro ventos que Lisboa é o cais da Europa. E não seria necessário proclamá-lo,

ENRIQUECENDO COM A MISERIA

AUMENTOU ESPANTOSAMENTE O NÚMERO DE CASAS DE PENHORES

Exige-se da pobreza o fabuloso juro de 150 por cento ao ano!

A medida que as condições económicas do operário se vão agravando, vai aumentando incessantemente o número das casas de penhores. Há pouco menos de um ano atingiu o número elevadíssimo de cento e quinze. Possivelmente, agora já este número se terá elevado talvez a cento e cinquenta.

O aumento destas casas é bem o índice da vida trágica da população. Pode afirmar-se que o penhorista está sanguinário, ao operariado e à própria classe média, uma parte dos seus mínguados recursos. E não supõe o leitor que o aumento incessante do número das casas de penhores faz baixar, pela concorrência estabelecida, a taxa de juro que os penhoristas cobram à desventura dumula população. A taxa de juro mantém-se integralmente, visto que a clientela aumentou na medida das casas que tem aparecido ultimamente.

A miséria aumentou e as casas de penhores também. Isto está na lógica dessa sociedade que faz descarrigar sistematicamente os fardos mais pesados sobre a casta dos mais humildes.

Antigamente as casas de penhores empravam ao juro mensal fabuloso de 6 e 8%. Agora já emproram a 120, a 144, a 150% ao ano. Em seis, oito e dez meses o penhorista só entrega o objecto a que deu mão, depois do penhorado lhe dar o díbulo do dinheiro que lhe foi emprestado.

Isto já não pode ter o nome de exploração, isto só pode classificar-se de roubo. Perante esta percentagem de 150% ao ano só há um epiteto a aplicar a quem a cobre; e esse epiteto será infamante para outra criatura que não fosse um penhorista. Mas, que lhe importa a ele que lhe chameiam ladrão? Deixa-se insultar sem um estremecimento e olha com ternura o cofre onde tem amoeada a desgraça, a miséria dos seus clientes.

E que este ladrão tem a certeza de que a impunidade lhe está assegurada, visto que a sua caverna funciona ao abrigo dum encanto... para roubar-me mundo...

* * *

E concordemos que este ladrão — o penhorista — é repugnante. Os ladrões vulgares de Linen, os que vão para a costa de África, roubam a quem possuir alguma coisa e o penhorista roubá os que se encontram entre a espada da miséria e a parede da fome. Temos, portanto, que este ladrão é um bandido.

E vao-lá demonstrar-lhe que eles constituem uma autêntica quadrilha, que são nefastos à cidade, que constituem um aten-

Notas & Comentários

As moedas de cobre

Isto das transacções voltarem a ser feitas com moedas de cobre já não pega entre nós. Diz-se o cidadão à mercaria e quando vai fazer o pagamento o caixeiro dispõe: "não se aceita esse dinheiro". Vai depois a padaria e o empregado diz-lhe: "esse dinheiro não presta". E neste irri-tante recusa se passam os dias, vendendo-se os possuidores de moedas de cobre em palcos de aranha para as largarem.

Já várias queixas chegam até nós, todas demonstrativas de que se opera uma grande reacção contra o cobre. Ainda temos viveram dizer que na padaria da Rua Senhora da Glória, 88-89, o caixeiro se recusa a receber o cobre. Parece que a ordem de não receber as moedas de cobre deve agredecer. (L.)

Orçamento da Sociedade das Nações

LONDRES, 14.—O orçamento da Sociedade das Nações, para o novo ano financeiro será dividido por 1.015 unidades em logar das antigas 937 devido à entrada de Alemanha.

O império britânico terá o encargo de 258, ou seja mais dum quarto da totalidade. Seguem-se-lhe a França e a Alemanha com 79 unidades cada uma. (L.)

naco, ali no Rossio, objectuou um cavaleiro que se fazia acompanhar por outro. Dias depois essa fotografia ilustrava o artigo do nosso camarada e o assunto parecia arrumado.

Porém, infelizmente, assim não foi. Os nossos fotógrafos não são aqueles nababos que vestem da alfaiataria Lourenço & Santos, nem são aqueles gentilmen que zigue-zagueiam pelas avenidas pomposas. São dois modestos empregados de escritório

que vestem com gosto, tão nababos como os autores dos artigos.

Este «qui-pro-quo» deu motivo a reparos dos atingidos, reparos, aliás, justíssimos em pessoas a quem por estranha coincidência se colocou um diadema que lhes não pertence.

Com se tratasse de pessoas inteligentes, cremos que esta explicação será suficiente para destruir a má impressão a que este equivoco deu motivo.

O TRANSITO DE AUTOMOVEIS

Os atropelamentos devem-se à falta de regulamentação do trânsito dos peões, à incompetência dos "chauffeurs" e à falta de fiscalização da polícia, afirma-nos Hoche Graça

O com assunto do dia, aquele que espetou a curiosidade citadina, foi o do projectado decreto que o governo vai publicar contendo várias disposições energicas contra os proprietários e "chauffeurs" que sejam responsáveis pelos atropelamentos por excesso de velocidade.

Em ida a cidade não se discutiu ontem outra coisa. E facto curioso. Em parte da população parece que vai manifestando-se o propósito do trânsito de peões ser feito pelas ruas, obrigando os autos, ou a marchar a passo de boi, ou a utilizarem-se dos passeios.

Já ontem no nosso editorial expuzemos o pensamento de A Batalha: o decreto é severíssimo — iamos a escrever cruel — não resolve o problema visto que ele é originário, em grande parte, no facto do público não saber andar.

E é verdade. Mas o governo não deve esquecer-se que no número dos inexperientes se encontram aqueles "chauffeurs" fabricados no Parque Automóvel Militar a quem o próprio Estado deu carta de alforria para matar no nosso entrevistado.

— É verdade. Mas o governo não deve esquecer-se que no número dos inexperientes se encontram aqueles "chauffeurs" fabricados no Parque Automóvel Militar a quem o próprio Estado deu carta de alforria para matar no nosso entrevistado.

— Não há uma fiscalização para evitar essas irregularidades?

— Fiscalização existe. Mas para que serve ela? A fiscalização serve apenas para caçar a multa.

— Para caçar a multa? Explica-nos isso!

O nosso entrevistado conta-nos, então,

A polícia cagando a multa e os intrusos matando os transeuntes

— Apesar das reclamações da Associação dos Chauffeurs o número dos "chauffeurs" não encartados é grande. E a polícia em lugar de proceder para com estes indivíduos, especialmente à noite quando a sua ação mais se faz sentir, vai colocar-se na Junqueira e na Avenida da Liberdade, onde são menos frequentes os atropelamentos, à caça da multa. "Chauffeur" que passa é multado, sem que, todavia, na maioria dos casos, lhe seja exigida a carta.

— E' essa a missão da polícia?

— Infelizmente assim tem sucedido. Há apenas a preocupação de multar o "chauffeur", esquecendo-se lamentavelmente que é de noite, quando há mais atropelamentos, que não há a mínima fiscalização. E é esta a maior prova de que é da obra dos incompetentes, desses a quem se deixam eximir livremente, que resulta o maior número de atropelamentos.

— O que pensa a classe?

— Creio que ela, por não se poder conformar com a severidade do diploma que dizem ir ser publicado terá que defender-se como é humano...

E a entrevista teve aqui o seu ocaso. Novas informações se seguiram, mas essas virão noutra oportunidade.

Uma comissão delegada da Associação dos Chauffeurs do Sul de Portugal, juntamente com o delegado em Lisboa da Associação dos Chauffeurs do Norte, está estudando o projectado decreto que afecta moral materialmente os chauffeurs portugueses.

Esta comissão que já tem trabalhos encetados, vai pedir uma entrevista ao sr. Presidente do Ministério a quem entregará uma documentada exposição que está elaborando.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma que o público é o principal culpado...

— Evidentemente. Logo uma das determinações inteligentes seria obrigar o público a caminhar pelos passeios, seguindo sempre pela esquerda.

— De forma

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h. - Soirée às 8,45 h.

O MELHOR ESPECTÁCULO DE VARIETADES

ARTELLI Y GUITART

Celebre dueto lírico a grande voz

ELIANE ET PAULETTE AMY

Formosas e notáveis artistas francesas, que apresentam pela 1.ª vez na Europa o charleston Black Bottom

PITUSILLA

Inesquecível estrela do couplet cômico

TITINETTE

Encantadora cançonista

No ecran: AS INDEPENDENTES NUNCA MÉM - 6 partes

Concerto para FOZ MELODY BAND

PREÇOS ULTRA POPULARES

Superior, 200\$; Plateau ou Balcão, 50\$;

Camarotes, 15\$; Fazenda, 10\$;

Convites 10\$ e 40\$

CARTA DE COIMBRA

A ganância dum proprietário põe em risco a vida de algumas dezenas de pessoas

COIMBRA, 12.—O sr. Delfim Miranda é um médico que acumula as funções de proprietário, e como bom proprietário, que se presa pensa unicamente em aumentar os seus bens pessoais, pelo que traz em construção um prédio no bairro de Montes Claros, cujas obras orienta zelosamente, acumulando mais outra função — a de mestre de obras.

Esta vontade cui mania da acumulação, será muito defensável pelo espírito de previdência ou de economia que revela; não o contestamos. O que, porém, entendemos não estar lá muito certo é que este sr. dr. Miranda, com a cegueira de querer viver a sua obra sair baratinha, saiba existir um muro na sua propriedade, cujo estado de segurança é bastante precário devido à acumulação de pedra que esse muro sustenta, pedra que o sr. dr. arranca da sua propriedade e faz condizir para ali, para mais facilmente ser aproveitada na obra referida, sem que se preocupe com as consequências que da ruína do muro poderão advir.

Este muro confina com a «Vila Plínio», cujos habitantes, que na sua maioria são por operários, andam justamente alarmados com o estado do muro, recendo a cada momento o seu desmoronamento que a dar-se dia, colherá fatalmente alguns inquilinos, além de crianças que inadvertidamente ali costumam brincar.

Os protestos têm sido contínuos, junto do sr. dr. O próprio proprietário da «Vila Plínio», sr. Augusto Pedro, já interveu junto do seu vizinho para que mande deruir o muro ou que o reconstrua, pois que não só se vai asecciar pelos protestos dos seus inquilinos, como também vé a sua propriedade em riscos de ser invadida por uma aluvião de terra e de pedregulhos.

No entanto, o sr. dr. Miranda a tudo se conserva surdo. O que ele pretende é o prédio construído. Quem morrer, morreu.

A vida de quarenta pessoas, aproximadamente, entre as quais uma doze crianças, pouco valor representa em face dos seus interesses particulares!

Quisás nos leva a crer que este sr. dr. Delfim Miranda, médico sem clínica, quere forçosamente arranjar clientes entre os habitantes da «Vila Plínio»...

E não há ninguém, que faça entrar este cavalheirismo na ordem?

No entanto... no entanto... nós, se fôssemos habitantes daquel local, pareceria-nos que aplicaríamos um remédio seguro... Dois ou três alívios, outras tantas picaretas e pás, meia dúzia de homens decididos, e estava resolvido o assunto... pelo menos na parte que diz respeito à integridade física dos habitantes da «Vila Plínio»...

Na esquadra do governo civil

Na madrugada de segunda feira foram presos nas ruas dos Loios alguns indivíduos, pelo facto de irem a cantar, o que vai de encontro ao regulamento policial.

E' costume, sempre que se dão factos desta natureza, os indivíduos serem postos em liberdade depois de ser registada a sua identidade para os efeitos do pagamento da multa. Não sabemos porque motivo, desta vez não se procedeu assim. Os presos recorreram aos calabouços donde saíram no dia seguinte, por terem cometido tão horrendo delito.

O que merece, porém, os nossos maiores reparos e o nosso mais formal protesto é o preso, o operário gráfico João Baptista Duarte, ter sido agredido à bofetada pelo guarda-n.º 79, pelo simples facto de aquele operário pregar os motivos da sua prisão, pois afirmava não ir a cantar e não ter motivo, por conseguinte, a ser detido.

A proeza do herói 79, foi presenciada pelo cabo n.º 8, sem que este tivesse pronunciado qualquer frase de reprovação pelo gesto do seu subordinado.

Sem mais comentários... (C.)

Em auxílio de A Batalha

	Transporte
Secção Metalúrgica de Belém	8.228346
António Simões Branco	5000
João Mendes do Amaral	10800
Alfredo Augusto Santos	5300
Alvaro Avelino	5300
António V. Alves Mendes	2300
José Faria	2850
J. F. O.	20500
António R. Pereira	5500
Um desconhecido	10300
Alexandre Oraga	2850
Secção dos Pintores do S. U. C. C. de Lisboa	100500
António Gonçalves	2350
Associação dos Corticeiros de Grandola	20500
Luis António Serrote	6500
José Narciso da Costa	10300
Luis Lopes	2350
Rodolfo Marques da Costa	50500
Augusto Ferreira Branco	2850

Quete aberta entre o pessoal do Depósito Central de Fardamentos:

João Ramos	5000
Augusto Sebastião Dias	1500
Luis Pedro Dias	2500
Joaquim de Sousa	2500
Alípio Tavares	2500
José Gonçalves Faial	2500
Manuel Joaquim Pires	2500
Eduardo da Silva	2500
Alberto Ribeiro	2500
Júlio Rosales	2500
José Pereira	2500
Manuel Fernandes	2500
J. Fonseca	1500
Joaquim Soares	2500
Manuel Augusto Mota	2500
José da Costa	2500
X. Silva	2500
Tolentino de Oliveira	2500
Fernando Ramos	2500
Carlos Estevão de Castro	2500
Captano Trindade	2500
Luis Gonçalves Miranda	2500
Jaime Augusto Granja	2500
Raúl da Silva	2500
Lucinda Eleuterio	2500
Manuel Maria Antunes	2500
José de Oliveira Cabral	2500

Quete aberta pela U. S. O. de Faro:

Soldado Fagundes	500
Xavier Pereira	2500
Joaquim Braiz	2500
Francisco Viera	2500
Joaquim João M.	2500
Camilo Tavares	2500
Jaime da Silva	2500
Manuel R. da Silva	2500
Um soldado	2500
Francisco Zefirino	2500
Francisco do Nascimento	2500
Manoel Marrão	2500
José Castela	2500
Eugenio Ricardo	2500
Januário	2500
Manoel Cassapa	2500
João Lopes	2500
Joaquim Eduardo	2500
Edmundo Oliveira	2500
António Eugénio	2500
Francisco Gabriel	2500
José Gonçalves	2500
Manoel Diogo	2500
Olivera Alves	2500
Francisco Matias	2500
Barnabé	2500
Manoel Madeira J.	2500
José Pires Mateus	2500
Luis Caetano	2500
Francisco Apolo	2500
Tomás Ramos	2500
José Dias Rato	2500
Celestino Coelho	2500
José E. Gabriel	2500
Manoel I. Garrachinho	2500
Bernardo do L. Margado	2500

Quete aberta entre o pessoal do foguço do vapor «Pedro Gomes»:

João L. Ventura	2500
Francisco António Correia	2500
Domingos Pires	2500
Joaquim Correia	2500
António Rodrigues	2500
José Pedro da Costa	2500
Marciano Artur	2500
Artur da Silva Pinho	2500
José Martins	2500
José António Damaso	2500
Jacome Graça	2500
Manoel Rodrigues	2500
Manoel António	2500
José Rodrigues 1.º	2500
António Coelho	2500
Júlio Cândido Marques	2500
Luís Amorim	2500

Continuação dunha quete aberta na Foz do Douro:

Augusto de Castro	2500
D. A. Lage	2500
Joaquim de Carvalho	2500
Alvaro G. de Sousa	2500
António Matos	2500

Quete a cargo de Arnaldo Simões Januário—Coimbra:

A. S. Januário	5000
Augusto Lapa	5000
João Martinho	1500
Anônimo	5000
Henrique dos Santos	5000
Um demócrata	5000
Fernando Garcia	5000
João Gomes Jacinto	5000
H. Magalhães	5000
L. Nascimento	8800
Pedro Olaiá	2500
António Moreira da Costa	5000

Um grupo de estudantes que trabalham em Coimbra:

António José de Matos	20300
Laurentino Salgueiro	10300
Américo Afonso	2500
Rodolfo Afonso	2500
A. R.	2500

A transportar:

8.812846

Joaquim Dias, operário da Construção Civil de Coimbra, ofereceu 3 moedas de prata, para serem vendidas em auxílio de A Batalha, sendo 1 de \$50, outra de \$20 e 1 de 100 reis.

Também Henrique dos Santos nos ofereceu 1 moeda de 50 reis do reinado de D. Luís I, para igual fim, fazendo o seu lanço de \$50.

— Ernesto Pereira da Silva, de Alcobaça, ofereceu 2 álbuns de postais com aspectos do monumento da Batalha.

MARCO POSTAL

Geme... J. A. C. de Souza. — Recebemos 10\$00. Pagou a assinatura até 8 de Novembro, p. f.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9475	
Madrid cheque	294	
Paris, cheque...	565	
Suica	3785	
Ervaxas cheque	545	
New-York	10558	
Amsterdam	7584	
Italia, cheque	370	
Brasil	290	
Praga	558	
Suecia, cheque	524	
Austria, cheque	277	
Berlim	467	

ESPECTACULOS

TEATROS

Cine—As 20,30 e 22,45.—Cabar de morangos. Berlin Vitoria—As 21 e 22,35.—Olaria. Teatro São Paulo—As 21.—Variedades. Varietés—As 20,30 e 22,35.—Sarcófago. Cinema I. Vicente (A Grava) —Espectáculos 21,30.—Salões dos convidados com enunciados. Teatro Portugal—Todas as noites. Concertos: di-vestidos.

CINEMAS

Tivoli — Central — Cendas — Chiado Terreiro — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Terreiro — Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem dado lugar ao que ainda hoje se vê. Limas registadas em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas marca TOUROU da Espanha, das meias e qualidade com as melhores limas do Mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bens estabelecimentos do território do país.

Albergue dos Inválidos do Trabalho

Por ordem do ex.º sr. Presidente da Mesa é convocada a assembleia geral a reunir no próximo Domingo, 17, pelas 13 horas.

Ordem dos trabalhos: leitura do relatório da gerência finanças; eleição da Mesa e da Comissão Provisória de Contas; proposta para eliminação do § 1º do art. 47º do regulamento interno e passar o § 2º para anexo, e apreciar o projeto de Estatutos da Federação das Instituições de caridade de iniciativa particular, é sendo aceito, nomear delegado com plenos poderes à reunião magna. — O Secretário da Mesa, Alvaro Fonseca dos Santos.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora... 33/34
Sapatos em verniz... 33/34
Bota preta (grande salto)... 33/34
Bota branca (salto)... 33/34
Gianta salto de botas pretas... 33/34
Cinto e cós para homens... 33/34

Máx. para fundir a SOCIAL OPERARIA coa
Aqui e casa... 18/19
Verde, poiso lá encantos boas baratas.
A Social Operaria e marcas das Calçadas.
18/19 com Filial na mesma marcas. n.º 45.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano desse interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalma ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 350.

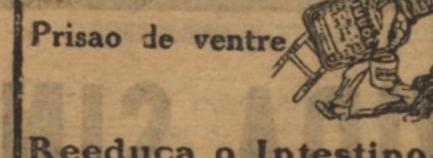
Entre Vinhados e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: Livraria Renascença, na das Poias de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

JUBOL



Prisao de ventre

Reeduca o Intestino

IRROMPIVEL



Marca a exigir nas ALPARGATAS, solas de borracha costadas interiormente

A venda nos principais estabelecimentos

Fabricante e vendas por grosso:

Raúl Ferreira
Rua Moraes Soares, 56

Depósito da Covilhã

Rossio, 93, 1.º

Telefone N. 4663

Acabam de chegar muitos padrões de bons fabricantes de lá para venda direta das fábricas ao público, que vendemos por valores prérios.

Grande conforto das principais fábricas do país, e um esplendor à riqueza de invenções e estranhezas que vendemos por preços sem competência. Há feitos e fazem-se por meias, sobretrados para homens e crianças desde Esc. 180\$00. Casacos de senhora desde Esc. 120\$00.

Têm atendimento p/ a sua em irme cliente.

Executam-se fatos em 24 horas

Manda amostras para a província e em Lisboa ao domicílio

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulado El drama de un amor vulgar, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, 50.

Pedidos à administração de A Batalha.

História Universal del Proletariado

Veinte siglos de opresión capitalista

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é um relato histórico, docu-realista e detalhado das lutas originadas pela designada classe social, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvures da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1930, polo correio, registado, 1450.

Estão publicados os seguintes fascículos:

1.º—La era de la esclavitud;

2.º—La rebelión de Espartero;

3.º—Abolición de la esclavitud;

4.º—Abyección y Servidumbre;

5.º—La revolución de los siervos;

6.º—La miseria de los agricultores;

7.º—Transformación del Poder Real;

8.º—El comunismo cristiano;

9.º—Los miserables en la Edad Media;

10.º—La libertad histórica;

11.º—La agonía del absolutismo;

12.º—El trabajo motor universal;

13.º—El imperio de la guillotina;

14.º—Las ideas sociales y la revolución francesa;

15.º—Los primeros tiempos del salario;

16.º—Hospitales, carceles y asilos;

17.º—Las crudasces de la burguesia republicana;

18.º—Los héroes de la Comuna;

19.º—Horribles matanzas de Comunistas;

20.º—La República Española y la clase obrera;

21.º—La Primera Internacion;

22.º—El socialismo ante el Parlamento español;

23.º—El futuro obrero profetizado por Castelar;

24.º—PI y Morgal confunde a los enemigos del socialismo.

25.º—Los precursores del Proletariado moderno.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firma Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

sos, julga que favoreço o seu vergonhoso e ignobil amor?

— Oh! meu Deus! que oijo! exclama Carlota, descorando.

— Acalma-te, meu amigo, diz a esposa de Desmaraes, as tuas palavras iludiram tua filha.

— Quere abusar delas. Imagina que hei-de consentir no seu casamento com um oficial de serralheiro!

— Eram fingidas essas palavras cordiais, murmurou a pobre aniquilada.

— Carlota, acode o advogado resolutamente, saiu de Paris. É este o único meio de lhe fazer perder tóadas as esperanças.

— Meu pai, rogo-lhe.

— Minha querida amiga, continua Desmaraes, dirigindo-se a sua mulher, faze porém alguns preparativos de viagem. Partiremos amanhã.

— Meu pai,

— Silêncio, menina. A minha vontade é inflexível.

— Ah! exclamou Carlota com dolorosa indignação.

Maldito seja este dia em que perco involuntariamente o respeito que devo a meu pai.

— Desgraçada! Ouve-la?

— Assim, meu pai, a quem eu tinha tanta veneração e afecto, proferiu à face de Deus e dos homens palavras mentirosas. Protestou que amava o povo, e a esse povo generoso desprezo-o, teme-o, odeia-o!

— Cal-se, filha indigna; podem ouvi-la de fora...

— Esta é a janela aberta. Quere que morramos todos.

— Desmaraes corre à janela para a fechar.

Neste momento passa o bando de Lehirom soltando os seus gritos furiosos e oferece ao mesmo tempo a vista do advogado a cabeça lívida de Flesselles. Desmaraes recua, soltando um grito de horror.

— Viva a nação! Morram os inimigos do povo!

Morra Desmaraes!

Esses rumores pareciam por tal forma concordar

com as últimas palavras de Carlota, que ela estremeceu, enquanto sua mãe, cheia de terror, balbucia:

— Tende compaixão de nós, Senhor meu Deus. Tal-

A BATALHA

Só deixará de haver atropelamentos quando o público for educado a caminhar pelas ruas de grande trânsito

Teses a apresentar ao Congresso Nacional dos Operários da Indústria de Alimentação

Competência profissional na indústria de panificação de Portugal

Presados camaradas:

Em épocas remotas os cereais eram mofados pelo homem por meio de esmagamento entre duas pedras vulgares. Nessa época era completamente desconhecida a mecanica e até mesmo as azenhas hidráulicas, os moinhos de vento. Mas, como os homens se vão educando dia a dia, progredindo sempre, procurando novas fórmulas e novos processos de produção, não constatamos hoje que na nossa indústria se deu um passo—embora curto—no caminho do Progresso.

Mas o industrialismo, sempre ganancioso e ávido de mujo ouro, não lhe convém a Luz nem o Progresso. As frevas, escravidão são-lhe mais propícias às suas escandalosas traiçanças. E assim, esse industrialismo, sem olhar à saúde pública, numa despreocupação criminosa pela vida do seu semelhante, não hesita em meter dentro das oficinas da panificação indivíduos que desconhecem por completo a técnica da mesma e, portanto, incompetentes em absoluto para manipular um pão que reúna as qualidades indispensáveis para poder ser ingerido pelo consumidor sem o mínimo perigo para a sua saúde.

E tanto assim é que não é raro ver-se em muitas oficinas (padarias) pães demonstrando na sua superfície a fermentação demasiada, outros mostrando-nos pequenos blocos rebentados pela ação do calor, onde notamos pequenas quantidades de farinha, prova evidente de que essa massa não foi convenientemente manipulada.

E a quem se devem todas estas anomalias? Ao Industrialismo que muitas vezes atira para a rua, para a miséria um profissional competentíssimo para meter em sua substituição um incompetente.

E porque procede assim o industrial?

E que procedendo assim, procede em conformidade com a sua consciência corrupta. Que lhe importa a ele que a saúde pública perigue devido ao seu modo de proceder se os seus lucros se multiplicam com esse processo de trabalho?

E são estas algumas das razões que levaram este sindicato a estudar minuciosamente este assunto tão importante, não só para os profissionais dessa indústria como para todos os consumidores.

Em nosso entender, e como profissionais que somos, julgamos estar aptos a ter a competência suficiente para fazermos estas pequenas considerações, estudadas na prática de muitos anos em que labutamos na indústria.

Por isso à nossa Federação como organização máxima da Organização dos operários da Alimentação não deve descurar o assunto das competências nas profissões da indústria da Panificação salvaguardando assim os interesses dos seus associados e do público em geral.

E deverá para isto instituir no seu seio os conselhos técnicos profissionais, aos quais deverão ser submetidos todos os indivíduos que desempenham o mister de manipuladores de pão.

Esses conselhos técnicos profissionais darão o seu parecer sobre as habilitações profissionais de cada indivíduo, julgando-o ou não apto a ingressar na indústria.

Mas ainda mesmo aqueles indivíduos que pelos conselhos técnicos profissionais forem julgados em condições de ingressarem na indústria, não o poderão fazer sem primeiramente serem submetidos a uma inspeção médica que dará o seu parecer sobre a compleição física de cada indivíduo.

E julgamos que assim teremos contribuído em grande parte para o bem de todos os operários e para bem de todos os consumidores.

Para bem dos operários porque, não ten-

A higiene nas cozinhas

Inúmeras vezes temo feito referência dentro da nossa Associação contra a falta de salubridade nas cozinhas e, se não vemos o resultado preciso, não é por ignorância ou comodismo dos seus dirigentes, mas encontro nos nossos colegas muitas inidiferenças quanto à higiene das cozinhas, e se providências não se tomam o que podemos nós esperar senão um quadro de negras cores?

E para que tal não suceda devemos reabilitar-nos dos erros do passado.

Em face do exposto a Associação de Classe dos Profissionais Culinários e Artes Correlativas de Lisboa, propõe:

1º Todo o estabelecimento onde se manipularem refeições diárias ou temporárias devem ser construídos nas seguintes disposições: Que o local preferido seja bastante arejado e igualmente claro; colocar em todos eles os suficientes ventiladores para a destilação de gases tóxicos e outras matérias nocivas à saúde.

2º A construção das cozinhas deve obedecer às seguintes disposições: revestimento de paredes em azulejo branco, mesas, prateleiras, etc., em pedra mármore ou outra semelhante, montadas sobre ferro para evitar a permanência de vários insetos que infestam as cozinhas, construção de ralos dentro das mesmas para poder proceder à sua baldeação.

3º Reclamar a construção de frigoríficos para todas as cozinhas em geral, mantendo estes em lugar reservado fora do contacto da cozinha e livre de vapores infeciosos.

4º Afastar para local próprio, refeições, copas e lavatórios de loiças e mais material.

5º Construção de casa de banho, quarto de vestir com «toilete» modesto para que não tenhamos de presenciar verdadeiras imundícies impróprias de oficinas de trabalho.

6º Os utensílios de trabalho devem ser por conta dos patrões. Lisboa, sede da Associação de Classe dos Profissionais Culinários e Artes Correlativas, à travessa dos Inglesinhos, n.º 3, 29 de Setembro de 1926.—O relator, Luís Atos.

ASSINEM

Os Mistérios do Povo

Os Metalúrgicos do Barreiro e a imoralidade de alguns reformados do Sul e Sueste

Está a Federação Metalúrgica verdadeiramente empenhada no levantamento moral dos metalúrgicos da indústria particular do Barreiro.

A dura deslealdade que uma grande parte dos reformados — metalúrgicos do Sul e Sueste — residentes naquela localidade, vem de há tempos exercendo, é assunto de séria responsabilidade e que deve interessar também o Sindicato do Pessoal das linhas do Sul. O Sindicato respectivo que soube conquistar para os reformados umas condições de relativo bem-estar para aqueles supostamente a velhice, não pode nem deve alheiar-se dum mal que os seus componentes praticam. Claro que este assunto tem várias facetas das quais nem todas podem ser tratadas nas colunas dos jornais. Todavia iremos estigmatizando, embora duma maneira geral, o procedimento daqueles que merecem.

Pasmanos de indignação ao reconhecer que temos de empunhar a pena para vergastar aqueles que julgávamos nossos camaradas leais e sinceros. Pois porventura temos estigmatizado, embora duma maneira geral, o procedimento daqueles que merecem.

O encarregado (caixearo) como responsável pelo trabalho executado dentro da oficina terá lógicamente de ser um verdadeiro técnico em todas as especialidades da indústria, para estar bem à altura do desempenho cabal da missão de que está incumbido.

E assim julgamos ter interpretado o sentido de todos os manipuladores de pão de Santarém, e mesmo de todo o país. E, sem nos alongarmos em mais considerações, passamos a apresentar ao 1º Congresso Nacional dos Operários da Indústria da Alimentação Pública de Portugal as seguintes

Conclusões:

1º Que todos os operários da Indústria de Panificação sejam previamente submetidos a um exame técnico-profissional antes de serem admitidos a desempenhar quaisquer trabalhos inerentes à Indústria de Panificação.

2º Que sejam criados conselhos técnicos profissionais nas principais cidades do país cuja constituição será formada:

a) Por um fornecedor, um amassador, um encarregado (caixearo) e um industrial ao qual se reconheça verdadeira competência profissional.

3º Estes conselhos ficarão habilitados a dar execução à doutrina do art. 1º desta tese.

4º Os conselhos técnicos profissionais passarão aos indivíduos por eles julgados aptos a ingressar na indústria um cartão de competência profissional no qual se mencionará a especialidade que o portador do mesmo está habilitado a executar.

5º Nenhum industrial poderá admitir ao seu serviço qualquer operário que não possua o cartão de competência profissional.

6º Cada operário só é obrigado a aprender uma especialidade das que compõem a indústria da panificação.

7º Excluem-se do art. anterior os encarregados de oficina (caixearos) que, para desempenhar tal cargo, deverão ser submetidos a um exame de todas as especialidades da indústria.

8º Ao ajudante do encarregado não será exigido cartão profissional.

9º Que a Federação encete imediatamente «démarches» junto das entidades competentes no sentido de pôr em prática, o mais breve possível, as conclusões desta tese.

A Comissão Administrativa do Sindicato dos Operários Manipuladores de Pão de Santarém. — O relator, Manuel de Oliveira Santos.

NO PORTO DE LISBOA

A Associação do Pessoal da Exploração do Pôrto de Lisboa refuta parte das afirmações do sr. Manuel dos Santos

O caso da Exploração do Pôrto de Lisboa tratado nos nossos números de domingo e de ontem entrou nos domínios do direito, direi eu. Por esse motivo com a inserção da nota oficiosa que abajo publicamos damos por liquidado este incidente. Eis a nota oficiosa:

«Presados camaradas—Em A Batalha de domingo sob a epígrafe «No Pôrto de Lisboa», vem publicado um artigo assinado por Manuel dos Santos, que entre várias coisas diz:

“Nesta classe—referindo-se à dos funcionários da Administração do Pôrto de Lisboa—há duas associações que mais parecem dois centros politiqueros daqueles muito reles quais tanques de lavadeiras que para vergonha da classe quando os burros se sindicarem, temo a certeza que hão de meter inveja aos funcionários do Pôrto de Lisboa.”

Não temos o desgosto de conhecer o articolista mas se porventura ele é empregado ou assalariado da Administração Geral do Pôrto de Lisboa, achamos que emprega muito mal o seu tempo. Seria preferível que empregasse a sua actividade na organização da classe como nós estamos fazendo.

A Associação de que somos corpos gerentes não trata de outros assuntos que não se sindicarem, tendo a certeza que hão de meter inveja aos funcionários do Pôrto de Lisboa.”

Não temos o desgosto de conhecer o articolista mas se porventura ele é empregado ou assalariado da Administração Geral do Pôrto de Lisboa, achamos que emprega muito mal o seu tempo. Seria preferível que empregasse a sua actividade na organização da classe como nós estamos fazendo.

A comissão instaladora chama a atenção dos vários sindicatos que ainda não comunicaram à Câmara Sindical as suas resoluções a propósito do mesmo congresso, para necessidade urgente de o fazerem, facilitando, assim, os trabalhos da comissão, tanto mais que apenas distam do mesmo dia.

«M. Joaquim de Sousa—é continua reconhecendo, como a classe em geral, naquele camara, um militante integral, merecedor de toda a confiança e continua, na ordem dos trabalhos.

Assembleia para que Alfredo Monteiro apresente os documentos de que fala—pois deseja ver concretizado tudo que a seu respeito tem de ser dito. Foi aprovado o requerimento e marcada a assembleia para 28 de Setembro.

S. U. Mobiliário.—A comissão administrativa tendo verificado que o seu apelo aos camaradas que não têm comparecido às assembleias, foi tido em consideração apenas por um pequeno número de camaradas, lembra novamente a conveniência de assistirem à assembleia que hoje se realiza para continuação dos trabalhos, e na qual serão apreciadas as teses a discutir no próximo congresso operário local. No seu próprio interesse não devem faltar, pois que entre as teses figura uma sobre o inquilino que deve merecer a atenção de todos.

Compositores Tipográficos.—Reuniu ontem a assembleia geral sobre o destino a dar ao saldo do movimento do jornal «O Mundo», aprovando a seguinte proposta da autoria de Sarmiento Dias: «Proponho que o saldo do movimento do quadro de «O Mundo» fique sob a rubrica «Solidariedade»—podendo ser aplicado quando e como a direcção do nosso Sindicato crítico e justamente o julgar necessário».

Sobre os delegados à C. S. T., a assembleia depois de ouvir uma exposição de José Romero, e ter ouvido ler um ofício de Alexandre Rosado, aprovou o seguinte requerimento de Soares da Costa: «Requeiro que seja dado o assunto por discutido com prejuízo dos oradores inscritos, sendo reiterada a nomeação de novos delegados à C. S. T. em substituição dos colegas Rosado e M. Pinto. A seguir foram nomeados novos delegados à C. S. T., António de Pádua Barbosa e Germinal de Sousa.

Para delegados ao Congresso da Câmara Sindical do Trabalho, foram nomeados José Augusto Machado, Manuel Ramos, José Romero, António de Pádua Barbosa e Germinal de Sousa. Em seguida Vergílio Moura Santos expôs os trabalhos da comissão prédesempregados, sendo em seguida encerrada a sessão.

Pessoal do Município.—Reuniu-se novamente em assembleia geral o Pessoal do Município, para continuar na ordem dos trabalhos.

Antes, porém, de se entrar na ordem dos trabalhos, Manuel Roque Júnior pede a palavra e faz a sua defesa. Depois de larga discussão Roque envia para a mesa uma moção tendente a demitir todos os elementos com cargos no Sindicato.

Assim se levará à prática a verdadeira unidade.

Os camaradas que o Conselho Geral da C. S. T. entendem dever escolher para comporem a sua nova comissão instaladora, não têm compromissos de quaisquer naturezas, nem quaisquer responsabilidades desculpáveis a que contou o seguinte:

Em princípios de Setembro por um motivo simples, que se liquidou rapidamente, foi conduzido para a esquadra de polícia da Exploração do Pôrto de Lisboa, onde o cabo que se encontrava de serviço lhe viu duas bofetadas sem motivo justificado.

Acrescentou Américo Gonçalves que o seu agressor foi o cabo Melo, presumindo que o chefe Manuel Ribeiro Nunes, não conheceu a agressão.

Afita a queixa da vítima do cabo Melo, que de uma maneira categorica prova que na esquadra da Exploração do Pôrto de Lisboa houve, pelo menos, uma agressão.

Casas

Alugam-se desde 220\$00. Ver e tratar. Calçada da Tapada, 138.

Sociedade Projectora dos Animais

O sócio desta benemerida Sociedade, o sr. Joaquim Monteiro, acompanhado do guarda 820 do Corpo de Polícia Cívica, percorreram ontem os mercados de Lisboa, tendo encontrado 15 animais chagados que receberam curativo no Pôrto de Medicina Veterinária da Sociedade, pretendendo três vendedores de aves da Praça da Figueira por maus tratos a irracionais e fizeram a apreensão de um chikote. Outras rugas não prosseguiram na intenção de fazer uma forte repressão aos maus tratos a animais.

Acrescentou Américo Gonçalves que o seu agressor foi o cabo Melo, presumindo que o chefe Manuel Ribeiro Nunes, não conheceu a agressão.

Afita a queixa da vítima do cabo Melo,

que de uma maneira categorica prova que na esquadra da Exploração do Pôrto de Lisboa houve, pelo menos, uma agressão.

Livres de quaisquer compromissos ideológicos ou de partido — embora falsamente se queira fazer acreditar o contrário — eles julgam-se, porém, aptos a ocupar os cargos para que foram nomeados.

Esta comissão procurará, apenas, integrar as resoluções dos Congressos Operários, — princípios proclamados pelo Batalha de 12 de outubro em seu editorial,— fazer obra puramente sindicalista, não tendo, para isso, que recorrer a manhas ou artifícios.

Esta disposição em que a actual comissão instaladora está, e que a C. S. T. deve respeitar, pelo menos até à realização do próximo congresso.

Para o futuro, o mesmo congresso dirá

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão de crise e horário de trabalho, nomeada no último conselho.

Para o futuro, o mesmo congresso dirá

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão de crise e horário de trabalho, nomeada no último conselho.

Comunicações

Manufactores de Calçado.—Em assembleia geral continuada tem reunido este Sindicato, discutindo-se um ofício dinâmico da mesa do extinto conselho confederal e que pede para o Sindicato esclarecer o que há de verdade a respeito da acusação de perdidário feita ao camarada M. Joaquim de Sousa, em reuniões do referido Conselho, e afirmado que a classe a que o dito camarada pertence o considerava como tal.

A primeira reunião efectuou-se em 21 de Setembro p. t. tendo usado da palavra os camaradas Silva Campos, que considera uma insinuação torpe, com vistos ao aniquilamento dum camarada, insinuação que se filia na especulação feita nas colunas de A Internacional a propósito de M. J. Sousa ter recebido um dia de salário do Sindicato por dia devido em trabalhos da Confederação Inter-Sindical de Lisboa, e que certos elementos deste Sindicato entendiam que devia ser pago pela C. S. T. de Lisboa.

Entende que esse facto não desonra M. J. de Sousa e nesse sentido apresenta uma moção de ordem. Alfredo Monteiro diz que a assembleia não deve aprovar a moção de ordem.

Alfredo Monteiro diz que a assembleia não deve aprovar a moção de ordem.

Alfredo Monteiro diz que a assembleia não deve aprovar a moção de ordem.

Alfredo Monteiro diz que a assembleia não deve aprovar a moção de ordem.

Alfredo Monteiro diz que a assembleia não deve aprovar a moção de ordem.

Al